

SEQUÊNCIA DE ENSINO INVESTIGATIVO

*Dinâmicas demográficas e as
relações socioespaciais*



ILHÉUS-BA
2022



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ – UESC
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO- PPGE

GEISA FIDELIS DOS SANTOS
LUCIANA SEDANO DE SOUZA

SEQUÊNCIA DE ENSINO INVESTIGATIVO:
Dinâmicas demográficas e as relações socioespaciais

ILHÉUS-BAHIA
2022

GEISA FIDELES DOS SANTOS
LUCIANA SEDANO DE SOUZA

SEQUÊNCIA DE ENSINO INVESTIGATIVO:
Dinâmicas demográficas e as relações socioespaciais

Produto Educacional da Pesquisa **ANÁLISE DAS RELAÇÕES SOCIOESPACIAIS PARA A FORMAÇÃO DO PENSAMENTO GEOGRÁFICO**: leitura e ensino por investigação em Geografia, apresentado ao Programa de Pós- Graduação Mestrado Profissional em Educação – PPGE, da Universidade Estadual de Santa Cruz, como parte das exigências para obtenção do título de Mestre em Educação.

Linha de Pesquisa: Formação de Professores e Práticas Pedagógicas.

S237

Santos, Geisa Fideles dos.

Sequência de ensino investigativo: dinâmicas demográficas e as relações socioespaciais / Geisa Fideles dos Santos, Luciana Sedano de Souza. – Ilhéus, BA: UESC, 2022.

39 f. : il.

Produto educacional desenvolvido como parte da dissertação de mestrado apresentado ao Programa de Pós-graduação Mestrado Profissional em Educação da Universidade Estadual de Santa Cruz.

Inclui referências.

1. Geografia – Estudo e ensino. 2. Prática de ensino. 3. Leitura. 4. Pensamento geográfico. I. Souza, Luciana Sedano de. II. Título.

CDD 910.7

RESUMO

A Sequência de Ensino Investigativo (SEI) - Dinâmicas demográficas e as relações socioespaciais se configura em um produto educacional – final de conclusão de um mestrado profissional e tem por público-alvo alunos da 3ª série do Ensino Médio. Com esse produto, temos como objetivo apresentar uma SEI, a partir da perspectiva da abordagem didática do ensino por investigação, com enfoque na leitura em seus diversos aspectos, tendo em vista o desenvolvimento do pensamento geográfico do aluno. Com isso, visa a contribuir para o processo de ensino e aprendizagem em Geografia. A SEI foi construída a partir de oito encontros com a pesquisadora, aluna do mestrado, e um professor de Geografia. Todos os encontros foram gravados em áudio e vídeo e transcritos, sendo usados para análises na dissertação. A SEI está organizada em cinco etapas, assim intituladas: Levantamento dos conhecimentos prévios; Cada vez menos; Resolva o problema; E a minha família? e De olho no perfil demográfico do Litoral Sul da Bahia. As atividades propostas na SEI contemplam conteúdos relacionados às dinâmicas demográficas, como, por exemplo, o envelhecimento populacional, a diminuição da taxa de fecundidade e as dificuldades vivenciadas por mães em parir seus filhos no Litoral Sul da Bahia, no que tange à infraestrutura materno-infantil. A SEI busca contribuir para o desenvolvimento da competência leitora do aluno, oportunizando-o a realizar leitura socioespacial por meio de textos, mapas, gráficos, dentre outros aspectos. Desse modo, esperamos que o trabalho sob a ótica da abordagem didática do ensino por investigação, por meio de SEI, encontre espaço nas aulas de Geografia, tornando-se um aliado potente para a promoção de um ensino significativo, permitindo que o aluno seja oportunizado a realizar leituras socioespaciais em diversas fontes e desenvolva o pensamento geográfico.

ABSTRACT

The Investigative Teaching Sequence (ITS) “Demographic dynamics and socio-spatial relations” is an educational product that is part of the conclusion of a professional master’s degree, whose target audience are students from 3rd grade of a high school. With this product, we aim to present an ITS from the perspective of didactic approach to teaching by investigation, focusing on reading in its various aspects, with a view to students’ geographic thinking development. In this way, it aims to contribute to the teaching-learning process of Geography. This ITS was carried out based on eight meetings with a researcher, a master’s degree student and a Geography teacher. All meetings were audio and video recorded, transcribed, and used for dissertation data analysis. The ITS is organized into five stages, entitled: “Prior knowledge survey”, “Each time less”, “Solve the problem”, “And how about my family?” and “Keeping an eye on the demographic profile of the South Coast of Bahia”. The activities proposed in this ITS include content related to demographic dynamics, such as population aging, decrease in fertility rate and difficulties experienced by mothers in giving birth to their children in the South Coast of Bahia, with regard to maternal-childhood infrastructure. In sum, we hope that the work from the perspective of didactic approach to teaching by investigation, through ITS, has space in Geography classes and becomes a powerful ally for a meaningful teaching in which students can carry out socio-spatial readings in various sources and develop geographic thinking.

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| 1. Apresentação..... | 7 |
| 2. O ensino de Geografia na perspectiva do ensino por investigação: contribuições para o desenvolvimento do pensamento geográfico..... | 10 |
| 2.1 Aulas de Geografia no contexto de Sequências de Ensino Investigativo (SEI)... | 13 |
| 3. A leitura em seus diversos aspectos nas aulas de Geografia e sua relevância para a formação do pensamento geográfico..... | 13 |
| 4. Estrutura da SEI- Dinâmicas demográficas e as relações socioespaciais..... | 15 |
| 5. Sequência de Ensino Investigativo: Dinâmicas demográficas e as relações socioespaciais..... | 17 |
| 6. Considerações finais..... | 36 |
| Referências..... | 38 |

1. APRESENTAÇÃO

O produto educacional Sequência de Ensino Investigativo (SEI) - Dinâmicas demográficas e as relações socioespaciais, foi desenvolvido durante o curso de Mestrado Profissional em Educação do programa de pós-graduação da Universidade Estadual de Santa Cruz - UESC e faz parte da dissertação “ANÁLISE DAS RELAÇÕES SOCIOESPACIAIS NAS AULAS DE GEOGRAFIA: leitura e ensino por Investigação para a formação do pensamento geográfico”.

Com esse produto, temos como objetivo apresentar uma SEI a partir da perspectiva da abordagem didática do ensino por investigação, com enfoque na leitura em seus diversos aspectos, tendo em vista o desenvolvimento do pensamento geográfico do aluno, visando a contribuir para o processo de ensino e aprendizagem em Geografia.

O planejamento da SEI se deu de modo colaborativo com um professor de Geografia da Educação Básica, pois entendemos que as propostas didáticas, quando planejadas com a parceria do professor, podem contribuir efetivamente para a realização de um trabalho para além da teoria e com reais condições de proporcionar caminhos que possam ser recontextualizados, considerando os diferentes espaços escolares.

A SEI foi delineada ao longo de oito encontros e, como já explanado, tem como pressuposto a abordagem didática do ensino por investigação (SASSERON, 2015), com a expectativa de contribuir para que o aluno seja oportunizado a investigar, levantar hipótese, resolver problemas, argumentar, dentre outros aspectos. Dessa forma, poderá se aproximar de um fazer científico e assumir seu lugar de protagonista na construção do conhecimento.

Além disso, tem como perspectiva o desenvolvimento da competência leitora do aluno, pois a leitura é um dos objetivos primordiais da educação básica, já que sem esta competência, dificilmente o aluno será exitoso no processo de construção do seu conhecimento. Assim sendo, defendemos que a leitura é um compromisso de todas as áreas (NEVES, et al. 2004).

Desse modo, em todas as etapas e atividades da SEI, é assegurada ao aluno a oportunidade de ler. Quanto a isto, ressaltamos que estamos abordando a leitura em seus diversos aspectos, ou seja, a leitura de textos, mapas, gráficos, infográficos, imagens e, sobretudo, a leitura socioespacial. Essa última é fundamental para que o aluno desenvolva um pensamento pelo viés da Geografia e compreenda as realidades que se apresentam no espaço geográfico.

Nessa direção, corroboramos com Cavalcanti (2019, p.11, destaque nosso), ao dizer que

“a Geografia serve para pensar, ela ajuda a pensar; **no ensino se ensina a pensar pela Geografia**”. Conforme a autora, essa é a utilidade maior da Geografia. Sendo assim, defende uma perspectiva contrária ao ensino mnemônico, decorativo e sem sentido para a prática socioespacial do aluno. Em face disso, acreditamos que os professores podem ensinar o aluno a desenvolver o pensamento geográfico (BROOKS; BUTT; FARGHER, 2017; CAVALCANTI, 2019, 2022; ARAGÃO, 2019).

Assim, com vista a contribuir com esse propósito, apresentaremos de modo detalhado uma Sequência de Ensino Investigativa (SEI). A atividade foi planejada para alunos da 3ª série do Ensino Médio, com o tema *Dinâmicas demográficas e as relações socioespaciais*, na perspectiva de que a SEI possa auxiliar professores, no cotidiano da sala de aula, em que estes atuem como um mediador, permitindo que o aluno seja protagonista na construção do próprio conhecimento científico.

Vale ressaltar que a proposição de atividades investigativas para o ensino de Geografia, em certa medida, está relacionada com a proposta da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que é dividida por áreas do conhecimento e organizada em competências e habilidades. Essas, além de considerar a cultura e as características locais, regionais e globais, orientam ações como “investigar”, “analisar”, “explorar”, “produzir” e “discutir”, o que nos direciona a processos investigativos (BNCC, 2017).

Nesse sentido, a BNCC traz a perspectiva de o aluno assumir seu protagonismo, ao ampliar sua capacidade intelectual, por meio, por exemplo, da resolução de problemas, em que ele é oportunizado, de modo individual ou coletivo, a elaborar hipóteses. E, mais, a desenvolver argumentos que possam explicar fatos e fenômenos que ocorrem na espacialidade.

Em relação a isso, a BNCC orienta, por exemplo, que o aluno desenvolva a habilidade (EM13CHS103), relacionada à competência 1:

Elaborar hipóteses, selecionar evidências e compor argumentos relativos a processos políticos, econômicos, sociais, ambientais, culturais e epistemológicos, com base na sistematização de dados e informações de natureza qualitativa e quantitativa (expressões artísticas, textos filosóficos e sociológicos, documentos históricos, gráficos mapas, tabelas etc.) (BRASIL, 2017, p.560).

Entendemos que esta habilidade aponta para a importância de um ensino investigativo nas aulas de Geografia. Essa é uma perspectiva assumida neste trabalho, ao defendermos a proposição da abordagem didática do ensino por investigação no ensino de Geografia, pois compreendemos que esta abordagem pode contribuir para que o aluno desenvolva a

capacidade de pensar sua realidade socioespacial.

Diante disso, ao elaborarmos a SEI, tivemos como intencionalidade didática acenar para um novo caminho no ensino de Geografia sob a ótica do ensino por investigação, com enfoque nas diversas leituras, tendo em vista o desenvolvimento do pensamento geográfico do aluno. Sendo assim, esperamos que o aluno tenha maior oportunidade de pensar pela Geografia, significando seu saber.

2. O ENSINO DE GEOGRAFIA NA PERSPECTIVA DO ENSINO POR INVESTIGAÇÃO: contribuições para o desenvolvimento do pensamento geográfico

O ensino de Geografia tem sido considerado mnemônico, decorativo e desinteressante, entre outros aspectos. Diante disso, diversos autores (CAVALCANTI, 2013;2016;2019; BOMFIM, 2006; GIROTTO, 2015; MELO; LADEIRA, 2019; PEREIRA; KUENZER;

TEIXEIRA, 2019; PAZ; RIBEIRO, 2017; BOMFIM, 2006) têm promovido discussões, propondo algumas abordagens metodológicas para o ensino desta Ciência.

Neste trabalho, como já abordamos inicialmente, apresentamos uma nova perspectiva para o ensino de Geografia no âmbito da abordagem didática do ensino por Investigação (SASSERON, 2015), por meio de sequência de ensino investigativo (CARVALHO, 2013; 2018).

De acordo com Carvalho (2018, p. 776), ensino por investigação, trata-se do:

“[...] ensino dos conteúdos programáticos em que o professor cria condições em sua sala de aula para os alunos:

- pensarem, levando em conta a estrutura do conhecimento;
- falarem, evidenciando seus argumentos e conhecimentos construídos;
- lerem, entendendo criticamente o conteúdo lido;
- escreverem, mostrando autoria e clareza nas ideias expostas.

Diante disso, podemos dizer que o ensino por investigação traz a perspectiva de um ensino enriquecedor para aprendizagem, estimulando o aluno a desenvolver autonomia para decidir, resolver problemas, argumentar e levantar hipóteses acerca de fenômenos que ocorrem na espacialidade. Nesse contexto, entendemos que no ensino de Geografia essa abordagem didática poderá trazer efetivas contribuições, tornando-o mais significativo para o aluno.

Segundo Sasseron, (2015, p.58), “[...] o ensino por investigação extravasa o âmbito de uma metodologia de ensino apropriada apenas a certos conteúdos e temas, podendo ser colocada em prática nas mais distintas aulas, sob as mais diversas formas e para os diferentes conteúdos”. Nesse sentido, de acordo com essa autora, um ensino pelo viés do ensino por investigação não se restringe a um tipo de atividade ou a um conteúdo, cabendo ao professor o papel de suscitar a investigação em sala de aula nas mais diversas atividades e conteúdos.

Ainda, de acordo com esta autora, como abordagem didática:

[...] o ensino por investigação demanda que o professor coloque em prática habilidades que ajudem os estudantes a resolver problemas a eles apresentados, devendo interagir com seus colegas, com os materiais à disposição, com os

conhecimentos já sistematizados e existentes. Ao mesmo tempo, o ensino por investigação exige que o professor valorize pequenas ações do trabalho e compreenda a importância de colocá-las em destaque como, por exemplo, os pequenos erros e/ou imprecisões manifestados pelos estudantes, as hipóteses originadas em conhecimentos anteriores e na experiência de sua turma, as relações em desenvolvimento. É um trabalho em parceria entre professor e estudantes.

Nesse contexto, a inserção desta abordagem didática no cotidiano das aulas de Geografia tem muito a contribuir para que o aluno desenvolva a capacidade de pensar, refletir, agir e transformar a sociedade em que está inserido. Isso certamente irá corroborar para que o ensino de Geografia seja desenvolvido com proposições contrárias ao ensino conteudista e mnemônico.

Assim sendo, ressaltamos que, no ensino de Geografia, a proposição dessa abordagem didática é necessária, pois pode oportunizar o aluno a obter uma formação crítica e cidadã, ajudando-o a construir seu conhecimento e desenvolver o pensamento geográfico.

Diante disso, concordamos com Brooks, Butt e Fargher (2017, p. 208, tradução nossa) ao dizerem que “como disciplina escolar, a geografia pode contribuir muito para o sucesso dos futuros cidadãos. Mais do que ensinar conteúdos geográficos, os professores devem educar as pessoas geograficamente, desenvolvendo o pensamento geográfico”.

Mediante isso, compreendemos que o desenvolvimento do pensamento geográfico constitui uma ferramenta intelectual (CAVALCANTI, 2019) possível a todos os alunos. Nesse sentido, precisa ser meta a alcançar no ensino de Geografia, uma vez que isso possibilitará que o aluno compreenda o mundo em que vive.

2.1 Aulas de Geografia no contexto de Sequências de Ensino Investigativo (SEI)

Temos como compreensão que as aulas de Geografia precisam ser significativas para o aluno. Para tanto, não se pode fundar na transmissão de conteúdos, mas em ações que ensinem ao aluno fazer análise geográfica de fatos e fenômenos.

Nesse sentido, acreditamos que se as aulas de Geografia forem desenvolvidas por meio de sequência de ensino investigativo poderão propiciar ao aluno a construção do conhecimento a partir de uma perspectiva investigativa, oportunizando-o a pensar, elaborar suas ideias e buscar explicações, pelo viés geográfico, de fatos e fenômenos que ocorrem no espaço.

Isso ocorre porque, sequências de ensino investigativo são:

[...] sequências de atividades (aulas) abrangendo um tópico do programa escolar em que cada atividade é planejada do ponto de vista do material e das interações didáticas, visando proporcionar aos alunos: condições de trazer seus conhecimentos prévios para iniciar os novos, terem ideias próprias e poder discuti-las com seus colegas e com o professor passando do conhecimento espontâneo ao científico e adquirindo condições de entenderem conhecimentos já estruturados por gerações anteriores (CARVALHO, 2013, p.9).

Pode-se dizer, com isso, que uma SEI se refere a uma proposta didática efetiva e possível, podendo permitir que conteúdos ou temas científicos, que fazem parte do lugar de vivência do aluno, assim como de outros lugares, possam ser desenvolvidos na sala de aula por meio de atividades investigativas.

Nessa direção, o planejamento de sequências de atividades, com propósito e intencionalidade, pode permitir ao aluno condições de transpor o conhecimento espontâneo para o científico, pois, quando a experiência do aluno é refletida, há consecução de conhecimento, conferindo significado a sua vida (ZOMPERO E LABURÚ, 2016). Nesse cenário, a valorização dos conhecimentos prévios do aluno é fator de destaque, já que as experiências vivenciadas por ele no cotidiano são valiosas no processo de construção do conhecimento.

Vale salientar ainda que, quando se propõe sequências de atividades investigativas, não se pode deixar de considerar diretrizes, das quais duas são principais: o cuidado com o grau de liberdade intelectual do aluno e a elaboração do problema (CARVALHO, 2018).

Assim sendo, a partir dessa autora, podemos depreender que, por meio da proposição do problema, o raciocínio do aluno será desencadeado, do mesmo modo que a liberdade intelectual lhe proporcionará coragem para expor seus pensamentos bem como argumentar.

Outro fator relevante é a promoção de momentos em que os alunos possam sistematizar os conhecimentos produzidos. Esta é uma fase muito importante, vez que, de acordo com Carvalho (2013, p.12), “ao ouvir o outro, ao responder à professora, o aluno não só relembra o que fez, como também colabora na construção do conhecimento que está sendo sistematizado”. Diante disso, a mediação do professor é indispensável.

Frente a esses aspectos, assim como a outros, é possível acreditar que a proposição de uma SEI se apresenta como um caminho viável no ensino de Geografia, porque pode permitir ao aluno produzir o conhecimento a partir da investigação e análise dos fenômenos geográficos. Com isso, haverá reais oportunidades de compreender o porquê e como as coisas acontecem na espacialidade, formando um pensamento geográfico.

3. A LEITURA EM SEUS DIVERSOS ASPECTOS NAS AULAS DE GEOGRAFIA E SUA RELEVÂNCIA PARA A FORMAÇÃO DO PENSAMENTO GEOGRÁFICO

Ler e compreender textos, mapas, gráficos, entre outros objetos de leitura, tem sido uma competência cada vez mais exigida na contemporaneidade, pois a leitura é um acesso incontestável para o saber. Além disso, é uma prática social fundante para a formação cidadã do aluno. Isso tem movido muitos autores a discutirem sobre leitura (SOLÉ, 1998; LERNER, 2006; KLEIMAN, 2001; SEDANO, 2013; SEDANO; CARVALHO, 2015; COSCARELLI; CAFIERO, 2013, dentre outros).

Nesse caminho, Dieb (2013, p. 44, grifo do autor) assinala que os alunos precisam “perceber que a leitura, em especial na sociedade em que vivemos atualmente, é uma necessidade para o estabelecimento de relações sociais, além de uma questão de ‘sobrevivência’ [...]”

Assim sendo, defendemos nesta pesquisa que ensinar Geografia também é abrir espaço na sala de aula para trabalhar de forma que o aluno alcance sua competência leitora, sobretudo, a leitura socioespacial, tão necessária para que ele possa analisar e entender o espaço geográfico. Esta investigação, por sua vez, pode ser desenvolvida nas aulas de Geografia, na perspectiva do ensino por investigação, por meio de sequência de ensino investigativo.

Essa defesa se alicerça por compreendermos que ensinar Geografia em uma perspectiva investigativa, que leve em consideração o desenvolvimento da competência leitora em seus diversos aspectos, poderá contribuir para o desenvolvimento do pensamento geográfico do aluno, já que “o processo de leitura em geografia pode propiciar novas formas de pensar, de questionar, de desencadear aprendizagens significativas” (SCHAFFER, 2004, p. 99).

Diante disso, o aluno precisa ser despertado e oportunizado, nas aulas de Geografia, a ler e a pensar por meio dos textos, das imagens, dos gráficos, infográficos, mapas, formulários, dentre outros. No entanto, nesse processo, o professor tem papel fundante, pois, como sinaliza Dieb (2013, p.44), “para que uma situação de aprendizagem desperte o interesse e o desejo de aprender de um estudante, o professor precisa tornar-se capaz de provocar nele uma mobilização, um esforço consciente e motivado de suas faculdades intelectuais”

Isso desvela na responsabilidade que professor precisa ter em suas ações, em promover reflexões, a fim de que o aluno pense acerca do lugar da leitura em sua vida. Nessa direção, acreditamos que um dos meios que podem despertar seu interesse pela leitura seja envolvê-lo e desafiá-lo por ela. Para nós, uma medida necessária é a promoção de atividades que sejam desafiadoras, mas que, ao mesmo tempo, o orientem, que tenham propósito e mantenham uma sequência lógica.

A SEI visa a caminhar nessa direção, pois em todo o tempo o aluno é provocado e desafiado a ler por meio da linguagem cartográfica, dos textos, dentre outras fontes, a fim de investigar e analisar o fenômeno estudado. Nesse aspecto, por considerarmos que uma das metas da Geografia escolar é que o aluno aprenda a pensar (CAVALCANTI, 2019; 2022), analisando fatos e fenômenos que ocorrem na realidade, entendemos que nesse processo o desenvolvimento da competência leitora do aluno seja de extrema importância.

À vista disso, temos como premissa que o aluno aprenda a realizar leituras socioespaciais, sem as quais dificilmente compreenderá e se apropriará, por exemplo, de práticas sociais da sua espacialidade. Frente ao exposto, um de nossos posicionamentos é o de que, no ensino de Geografia, a leitura em seus diversos aspectos, mormente a socioespacial, seja uma realidade no cotidiano das aulas, caso contrário, pensar o espaço e nele intervir será uma ação cada vez mais distante do aluno.

4. ESTRUTURA DA SEI - DINÂMICAS DEMOGRÁFICAS E AS RELAÇÕES SOCIOESPACIAIS

A SEI – Dinâmicas demográficas e as relações socioespaciais é composta por 5 etapas (*Levantamento dos conhecimentos prévios; Cada vez menos; Resolva o problema; E a minha família? e De olho no perfil demográfico do Litoral Sul da Bahia*). A seguir demonstraremos como está estruturada.

Quadro 1 – Estrutura da Sequência de Ensino Investigativo que foi planejada nas reuniões com o professor.

| | |
|--|--|
| 1º M O D U L O | Levantando o conhecimento prévio – o relógio da população (4 aulas – 50 min cada) |
| | ETAPAS: |
| | 1. Formação de grupos – Resolução de questões; |
| | 2. Observação do relógio da população; |
| | 3. Leitura e análise de gráficos e mapas (resolução de questões); |
| | 4. Vamos compreender mais? (Leitura de texto). |
| 2º M O D U L O | Cada vez menos? (2 aulas – 50 min cada) |
| | ETAPAS: |
| | 1. Leitura e análise das imagens e depoimentos de mulheres; |
| | 2. Leitura e análise do infográfico e gráfico (Taxa de fecundidade – realidade brasileira e mundial); |
| | Resolva o problema (4 aulas – 50 min cada) |
| | ETAPAS: |
| | 1. Quais fatores estão por trás dessa queda no número de nascimentos? Que fatores influenciam a tomada de decisão de ter (ou não) filhos? Como evoluiu a idade em que, em média, as mulheres foram mães pela primeira vez? |
| | 2. Levantamento e socialização de hipóteses. (“Como” e “por que”); |
| | 3. Pensando o problema: Vídeos - O UNFPA promove a ação “Mais que minha mãe, menos que minha filha”; Leitura do texto – Taxa de fecundidade (Sistematização e contextualização do conhecimento); |
| | 4. Produção individual – “Hora de registrar!” |
| 3º M O D U L O | E a minha família? (2 aulas – 50 min cada) |
| | ETAPAS: |
| | 1. Investigando o perfil demográfico da minha família. (Atividade individual); |
| | 2. Trazendo a investigação para a realidade regional dos alunos por meio de estudo de caso de suas famílias. (Atividade em grupo). |
| 4º M O D U L O | De olho no perfil demográfico do Litoral Sul da Bahia (6 aulas – 50 min cada) |
| | ETAPAS: |
| | 1. Leitura e análise de textos (Litoral Sul da Bahia: um novo perfil demográfico; Nascimentos no Litoral Sul da Bahia: o que dizem as informações?); |
| | 2. Gravidez na adolescência: análise de gráfico e discussão; |
| | 3. Filhos: Ter ou não ter (Análise de gráfico e leitura e discussão de depoimentos); |
| | 4. Leitura e análise de mapas (Rede de atenção materno-infantil do Litoral Sul da Bahia; Migração de gestantes no Litoral Sul da Bahia); |
| | 5. Sistematizando o conhecimento; |
| 6. Propostas de trabalho: devolutiva social. | |

Fonte: Elaborado pelas autoras (2022).

Salientamos que dividimos as atividades por momentos e etapas e apresentamos uma possível quantidade de aulas. Contudo, vale ressaltar que não temos a pretensão de propor algo imutável a ser seguido pelo docente, mas nossa intencionalidade é apresentar ao professor, autor do seu trabalho, um novo caminho, uma nova possibilidade no ensino de Geografia e que sirvam para novos desafios sobre outros temas.

Assim sendo, convidamos todos os envolvidos com a Educação, em especial o professor de Geografia, a conhecer a SEI - Dinâmicas demográficas e as relações socioespaciais e desejamos que seja útil, assim como foi/é para nós.

5. SEQUÊNCIA DE ENSINO INVESTIGATIVO

DINÂMICAS DEMOGRÁFICAS E AS RELAÇÕES SOCIOESPACIAL

LEVANTANDO O CONHECIMENTO PRÉVIO

Professor, precisamos identificar o que os alunos pensam e sabem sobre um determinado tema ou conhecimento escolar, pois isso será basilar para pensarmos no enfoque e ênfases que daremos ao tratarmos pedagogicamente de um dado assunto. Desse modo, inicialmente, sugerimos que você organize a sala em grupo de aproximadamente 5 participantes cada, e verifique se os alunos têm algum entendimento sobre a população mundial, do ponto de vista quantitativo. A partir disso, levantar os conhecimentos prévios dos alunos. Para tanto, sugerimos os seguintes questionamentos:

- 1- Reúna-se com seus colegas em grupos de aproximadamente 5 participantes cada, pensem e respondam as questões abaixo:
 - a) Quantos habitantes há no mundo hoje, aproximadamente? Vocês consideram essa quantidade de pessoas grande ou pequena? Por quê?
 - b) Na opinião do grupo, qual deveria ser a população ideal do mundo? Justifique.

Professor, depois que você ouvir os alunos, sugerimos que seja apresentado à turma “o relógio da população”, uma aplicação online que apresenta a contagem populacional atualizada a cada segundo, baseada em dados referenciais fornecidos pelos mais importantes órgãos de análises demográficas do mundo. Recomendamos que de 10 em 10 minutos, você observe com os alunos a quantidade de habitantes. A seguir, realize mais alguns questionamentos a fim de continuar com o levantamento de conhecimentos prévios dos alunos relacionados às questões demográficas. Professor, sugerimos também, caso considere pertinente, que instigue os alunos a refletirem sobre a capacidade do planeta de suportar esses 7 bilhões de habitantes e futuramente 9 bilhões, como já revela a projeção mundial. Quais implicações disso? Será que essa população consegue/conseguirá viver com qualidade?

Sugestão de site do relógio da população: <https://www.apolo11.com/populacao.php>



Pesquisa realizada em: 22.02.2022 às 20h09min.

- 2- Observe, com os colegas do seu grupo, o relógio da população. Na sequência, discuta e responda às questões a seguir:
- O que mais chamou atenção do grupo no relógio da população?
 - O número de habitantes que o grupo imaginou ter no mundo foi igual ou se aproximou do que vocês leram no relógio da população?
 - Após a leitura do relógio da população e ao observarem o número de habitantes do mundo, a opinião do grupo, quanto a quantidade de pessoas, permanece a mesma? Por quê?
 - O que vocês acharam do ritmo de movimentação do relógio? Perceberam que o relógio se movimenta o tempo todo? O que vocês acham disso?

Professor, estas atividades e as que seguem, nesta etapa da SEL, atendem ao que dispõe a BNCC no que tange à Competência 1 para as Ciências Humanas e Sociais Aplicadas. Dentre as habilidades elencadas para essa competência, destacamos a (EM13CHS106) - Utilizar as linguagens cartográfica, gráfica e iconográfica e de diferentes gêneros textuais e as tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva.

Professor, após os alunos responderem às questões acima, em grupo, eles deverão ler e analisar o gráfico 1. Com as análises socioespaciais a partir do relógio da população e do gráfico 1, objetivamos que o aluno perceba a dinâmica do crescimento populacional e reflita que esse crescimento é diferente, se comparado a décadas anteriores. Professor, para orientar a leitura, assim como fomentar a análise crítica dos dados apresentados no gráfico, você poderá sugerir as seguintes questões:

- 3- Leiam o gráfico 1 e respondam o que segue:
- O que representam os números do eixo vertical? E os do eixo horizontal do gráfico?
 - Qual era a população humana no ano 400 a.C.?
 - E no início do século XVI?
 - E no ano de 2007?
 - Quanto a população cresceu entre o início do século XVI e o ano de 2007?
 - A partir de qual século houve uma aceleração do crescimento da população mundial?
 - De 2007, ano final da série analisada no gráfico, até o ano de 2021, conforme dados do relógio da população mundial, qual foi o crescimento da população nesse período?
 - Alguns fatores explicam o motivo da aceleração do crescimento da população. O grupo conhece algum?

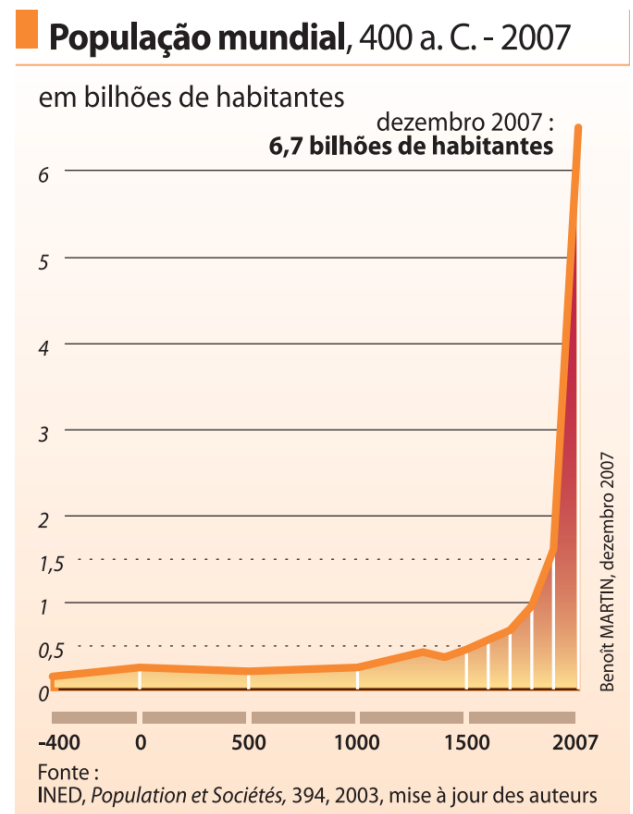


Gráfico 1 – Mundo: população, 400 a.C –2007. Fonte: DURAND, M-F. et al. Atlas de la mondialisation. Édition 2008. Paris: Presses de Sciences Po, 2008. p. 20.

Professor, após os alunos responderem às questões do item 3, os grupos deverão analisar os gráficos 2 e 3 e responder as questões sugeridas. Essa atividade tem como objetivo permitir ao aluno apropriar-se da linguagem cartográfica e utilizá-la para compreender os fenômenos da dinâmica populacional. Além disso, analisar o ritmo de crescimento da população mundial para que, no final dessa etapa, ele possa perceber que, apesar da população mundial continuar crescendo, o ritmo está diminuindo.

4- Ainda com base nas informações do gráfico 1 e considerando as informações dos gráficos abaixo, que apresentam a taxa de fecundidade total (média de filhos por mulheres em alguns países e regiões do mundo), discutam e respondam:

Gráfico 2

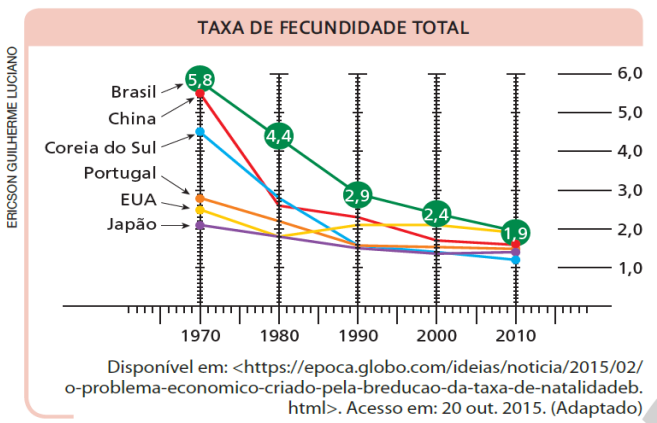
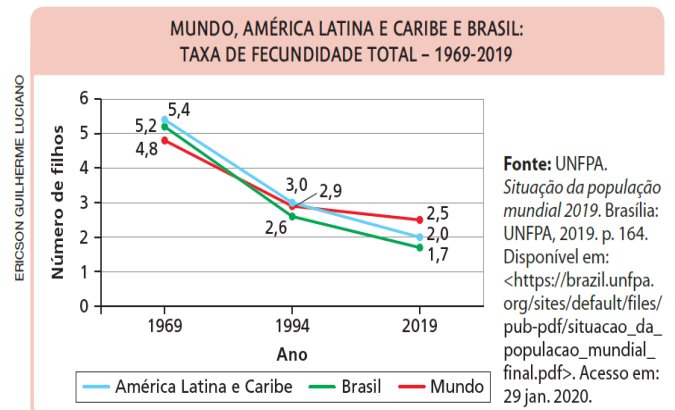


Gráfico 3

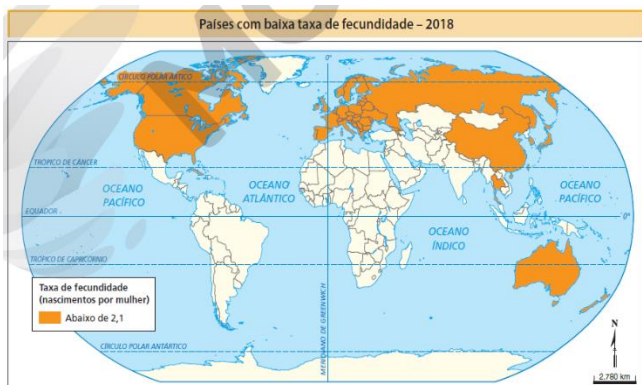


- O que vocês observaram com relação ao número de nascimento de crianças? Perceberam alguma mudança? Qual?
- Qual era a taxa de fecundidade no Brasil no ano de 1970? E qual era a taxa em 2010? E em 2019?
- Será que a população do mundo continuará aumentando? A partir da leitura e análise dos gráficos (2 e 3), apresentem a opinião do grupo.

Professor, o objetivo dessa atividade é que os alunos compreendam que nem todos os países do mundo apresentam o mesmo ritmo de crescimento populacional. Incentive os alunos a compararem as informações apresentadas nos gráficos. Essa atividade tem ainda como objetivo permitir ao aluno entender e relacionar os fenômenos de maneira multiescalar e, a partir da análise da taxa de fecundidade, discutir sobre o ritmo do crescimento populacional, para conseguir obter uma opinião sobre esse crescimento, além de perceber que há um ritmo diferenciado no crescimento populacional de um país para o outro.

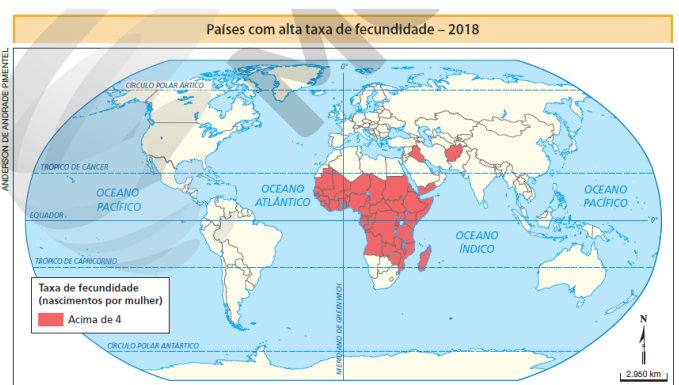
5- Como vocês puderam observar nos gráficos acima, os países do mundo apresentam cenário diferente com relação ao número de nascimento de crianças. Em alguns países, a média de filhos por mulher é maior, e em outros é menor. Com base nisso, analisem os mapas abaixo e respondam:

Mapa 1



Fonte: UNFPA. Situação da População Mundial 2018. O poder da escolha: direitos reprodutivos e a transição demográfica. p. 94. Disponível em: <https://brasil.unfpa.org/sites/default/files/pub-pdf/SWOP_2018.pdf>. Acesso em: 2 jun. 2020.

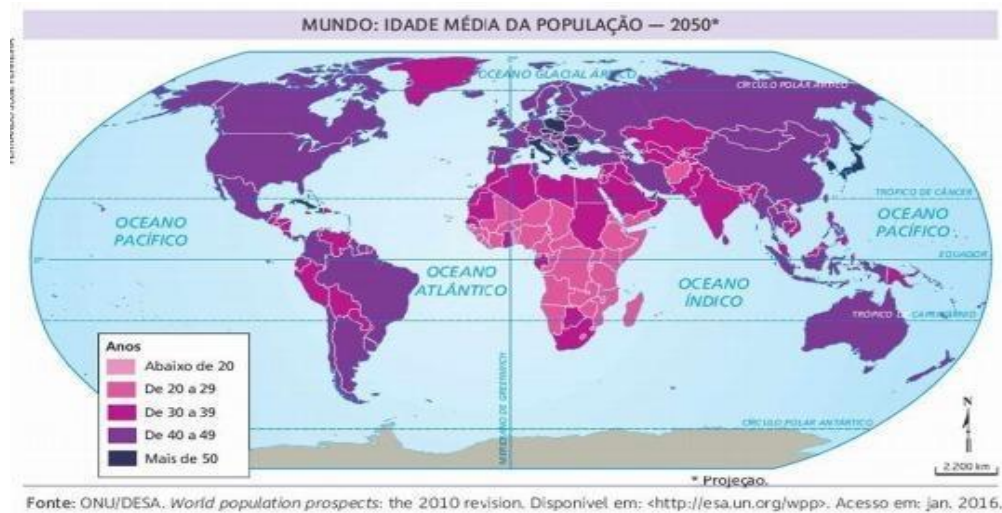
Mapa 2



Fonte: UNFPA. Situação da População Mundial 2018. O poder da escolha: direitos reprodutivos e a transição demográfica. p. 30. Disponível em: <https://brasil.unfpa.org/sites/default/files/pub-pdf/SWOP_2018.pdf>. Acesso em: 2 jun. 2020.

- Atualmente, no mundo, onde as mulheres têm menos filhos e onde as mulheres têm mais filhos?
- Após localizar onde as mulheres têm mais ou menos filhos, pensem a respeito e apresentem alguma hipótese do porquê de as mulheres terem menos ou mais filhos nesses países.
- Comparando as informações dos mapas da questão anterior com o mapa abaixo, vocês identificam alguma similaridade nas informações? Qual ou quais?

Mapa 3



- Após a leitura do mapa, o que chamou a atenção do grupo?
- Em relação à projeção da idade da população dos países do mundo, apresentada no mapa, vocês conseguem perceber alguma relação com a taxa de fecundidade apresentada nos dois primeiros mapas da questão 5?

Professor, o objetivo dessa atividade é que os alunos percebam as implicações da redução ou aumento da taxa de fecundidade. Nesse momento, você pode orientar a resposta desta atividade, incentivando os alunos a compararem as informações apresentadas nos gráficos e mapa.

VAMOS COMPREENDER MAIS?

Leia o texto a seguir:

O ritmo de crescimento populacional no mundo é diferenciado se mudarmos a escala geográfica de observação: na Europa praticamente não há mais crescimento; há um ritmo bem moderado na América do Norte; um crescimento um pouco maior na Ásia e na Oceania; relativamente alto na América Latina; bem acelerado na África. À exceção da África, as previsões para 2050 dizem que o crescimento populacional se conterá.

Fonte: GRATALOUP, Christian. *Géohistoire de la mondialisation: le temps long du Monde*. Paris: Armand Colin, 2007.

- O texto acima nos ajuda a entender o ritmo de crescimento da população de cada continente e, de modo geral, a do mundo. Ao ler o texto, gráficos (2 e 3) e mapa, o que o grupo acha que acontecerá com grande parte da população do mundo?
- Como vocês puderam observar, na Europa praticamente não há mais crescimento populacional. Isso tem sido motivo de preocupação e discussão de vários países europeus, uma vez que esse é um fenômeno que interfere diretamente na economia, nas questões

previdenciárias, entre outras. Discuta com seus colegas em grupo e apresente pelo menos três possíveis implicações que a diminuição do crescimento da população europeia pode gerar. Apresente também algumas sugestões de possíveis soluções

Professor, o objetivo dessa atividade é permitir que os alunos percebam que, conforme previsão observada no texto, gráficos e mapa, grande parte da população mundial tenderá ao envelhecimento. Sugerimos que, caso a sua escola tenha laboratório de informática, você leve os alunos a este laboratório para que eles possam visitar o site: Nacer em Portugal, disponível em: <http://nascereportugal.ffms.pt/#cada-vez-> menos, a fim de que eles tenham acesso às dinâmicas demográficas desse país em diversos aspectos como o envelhecimento de sua população e os impactos econômicos, sociais, dentre outros, enfrentados por esse país.

Professor, as atividades propostas seguem as orientações da BNCC referente à habilidade (EM13CHS201) - *Analisar e caracterizar as dinâmicas das populações, das mercadorias e do capital nos diversos continentes, com destaque para a mobilidade e a fixação de pessoas, grupos humanos e povos, em função de eventos naturais, políticos, econômicos, sociais e culturais*, da Competência 2 para a Área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas.

CADA VEZ MENOS?

Professor, nessa etapa os alunos permanecerão divididos em grupos com 5 participantes cada. Você pode iniciar a atividade apresentando aos grupos depoimentos de mulheres e gráficos que ajudarão os alunos a discutirem as razões que justificam a mudança na taxa de fecundidade em curso no Brasil e no mundo.

8- Ainda em grupo, realizem as leituras propostas abaixo, discutam e respondam às questões:

Depoimento 1



Daniella Goulart (43 anos). Mãe de Gabriel, 1 ano.

Eu nunca tive como projeto de vida ser mãe. Para mim, a maternidade não era uma questão de realização. Sempre me dediquei muito às realizações profissionais. Apesar de toda resistência, a maternidade veio na hora certa. Me sinto madura o suficiente, não tenho aquele sentimento de que posso estar perdendo alguma coisa, de que poderia estar em outro lugar ou que o filho me limita. Depois de ter tido meu filho, descobri que tenho vocação para ser mãe e estou muito realizada. Eu acho que o ponto positivo de ser mãe na minha idade é que nós saímos na frente em matéria de informação e maturidade. O lado ruim é que eu fico calculando: quando meu filho estiver com 17 anos eu já vou estar com 60. Estou considerando que terei um filho só. Sei que ele vai pedir um irmãozinho, que poderá se sentir sozinho, mas essa é a realidade dele.

Depoimento 2



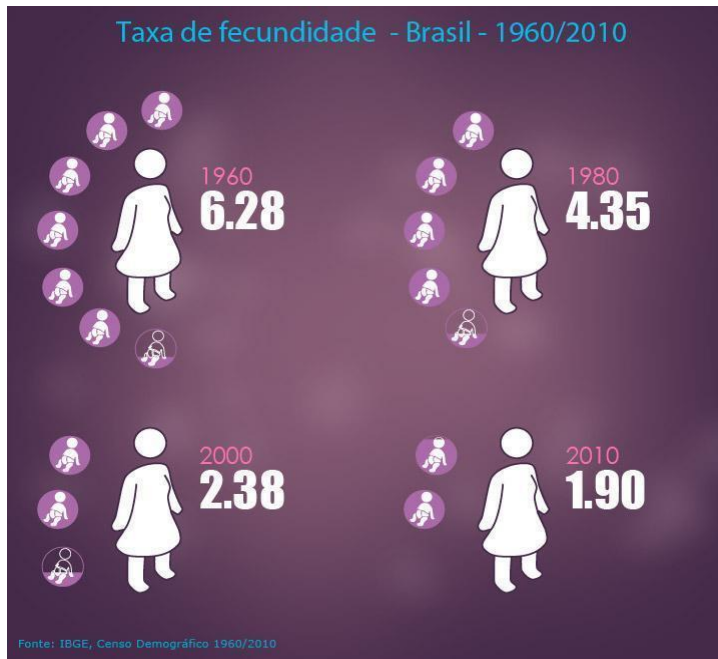
Rosa Dias dos Santos, 85 anos, dona de casa. Mãe de 11 filhos.

Eu tive 17 filhos, mas seis morreram e criei apenas 11. Sou da Bahia. Eu e meu marido viemos para Brasília para tentar dar uma educação melhor para os nossos filhos, que são meu porto seguro. Para mim, meus filhos são meus pés e minhas mãos, me sinto realizada por ter criado todos tão bem. Quando era jovem pensava que ser mãe era o maior sofrimento do mundo, mas hoje ser mãe é a razão da maior felicidade. Eu tive meu primeiro com 20 anos e o mais velho, com 44 anos. Nunca trabalhei fora até porque, quando eu era jovem, o marido tinha obrigação de sustentar a casa. E como eu tinha muitos filhos era impossível trabalhar fora. Hoje em dia os pais nem sempre conseguem educar os filhos direito porque ambos precisam trabalhar e não podem acompanhar o que as crianças estão fazendo. Nunca me arrependi de ter tido tantos filhos, valeu a pena e se eu pudesse teria criado alegremente os 17. Os dias mais felizes da minha vida são quando reunimos a família inteira, é uma festa muito grande.

Fonte: <https://memoria.ebc.com.br/agenciabrasil/noticia/2012-05-13/dia-das-maes-brasileiras-tem-menos-filhos-e-adiam-gravidez-por-profissao>

- a) Após a leitura das imagens e dos depoimentos, o que mais chamou a atenção do seu grupo na história das duas mulheres? Há semelhanças nas histórias relatadas? Elaborem um quadro destacando semelhanças e diferenças.

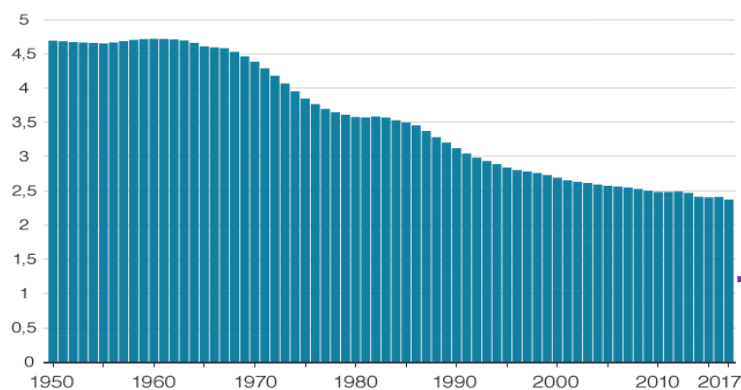
9- Leiam o infográfico abaixo e analisem as informações do gráfico a seguir:



Realidade brasileira

Mulheres têm cada vez menos filhos

Taxa global de fecundidade (nascidos vivos por mulher)



Fonte: Fardo Global das Doenças 2017

BBC

Realidade mundial

9- Após observarem os depoimentos, infográfico e gráfico, discutam em grupo o seguinte problema:

RESOLVA O PROBLEMA:

Há no Brasil e no mundo um declínio significativo no número de nascimentos, o que significa que há uma diminuição expressiva da taxa de natalidade.

Quais fatores estão por trás dessa queda no número de nascimentos? Que fatores influenciam a tomada de decisão de ter (ou não) filhos? Como evoluiu a idade em que, em média, as mulheres foram mães pela primeira vez?

Professor, essa atividade tem como objetivo construir hipóteses sobre os motivos da queda de fecundidade. Assim, após análise dos depoimentos, gráficos e vídeo, os alunos deverão discutir em grupo o(s) problema(s) e registrar suas hipóteses. Professor, conforme orientação da BNCC, na competência 1, habilidade (EM13CHS103), o aluno precisa ser orientado a *elaborar hipóteses, selecionar evidências e compor argumentos relativos a processos políticos, econômicos, sociais, ambientais, culturais e epistemológicos, com base na sistematização de dados e informações de natureza qualitativa e quantitativa (expressões artísticas, textos filosóficos e sociológicos, documentos históricos, gráficos mapas, tabelas etc.).*

10- Agora que já discutiram o problema, registrem suas hipóteses no quadro abaixo:

| |
|----|
| 1. |
| 2. |
| 3. |
| 4. |
| 5. |
| 6. |

QUADRO 1 - HIPÓTESES

SOCIALIZANDO AS HIPÓTESES

11- Agora que seu grupo já resolveu o problema, faça uma roda de discussão com todos os alunos da sala. Converse com o(a) professor(a) e com os colegas sobre **como** você conseguiu resolver o (s) problema (s) e **por que** suas hipóteses podem responder ao (s) problema (s) proposto (s).

Professor (a), as hipóteses de cada grupo serão discutidas pela turma, tendo por base o problema e os dados apresentados. Após as discussões e registro do que aprenderam na atividade, os alunos deverão assistir aos vídeos e realizar a leitura do texto, para a sistematização do conhecimento. Essa atividade tem como objetivo contribuir para que o aluno observe, compare e correlacione os conceitos científicos com os fenômenos de sua realidade e das demais escalas. Com isso, aprenda a tomar decisões, confrontar diferentes visões e desenvolver sua capacidade de pensar teoricamente.

PENSANDO O PROBLEMA - SISTEMATIZAÇÃO DO CONHECIMENTO

12- Agora, assistam com atenção aos vídeos:



O UNFPA promove a ação “Mais que minha mãe, menos que minha filha”, e foi às ruas para convidar as pessoas a refletirem sobre as mudanças e os desafios encontrados no acesso a seus direitos. José Lima conta que é analfabeto e teve 7 filhas. Todas estudaram e uma já se formou.

<https://www.youtube.com/watch?v=dJiEE-B0rZM>



O UNFPA promove a ação “Mais que minha mãe, menos que minha filha”, e foi às ruas para convidar as pessoas a refletirem sobre as mudanças e os desafios encontrados no acesso a seus direitos. Bárbara Alves, de 20 anos, diz que a mãe dela não tinha tanto acesso aos métodos contraceptivos, hoje em dia, para ela, há mais informação sobre isso.

https://www.youtube.com/watch?v=ElxL6y_7c54



O UNFPA promove a ação “Mais que minha mãe, menos que minha filha”, e foi às ruas para convidar as pessoas a refletirem sobre as mudanças e os desafios encontrados no acesso a seus direitos. Nathália diz que não quer ter filhos e observa que a mentalidade desta geração mudou.

<https://www.youtube.com/watch?v=-4FEiVAvyxM>



O UNFPA promove a ação “Mais que minha mãe, menos que minha filha”, e foi às ruas para convidar as pessoas a refletirem sobre as mudanças e os desafios encontrados no acesso a seus direitos. Gilvanete diz que a mãe teve treze filhos, a sogra vinte e três, ela planejou casar e ter só dois filhos.

<https://www.youtube.com/watch?v=L2wC-Sldp0>

13-Agora que vocês já assistiram aos vídeos, leiam o texto e destaquem os momentos que explicam alguns fatores que influenciam na queda da taxa de fecundidade brasileira e as possíveis consequências dessa queda.

Taxa de fecundidade

Taxa de fecundidade! Você já ouviu falar, não é? Essa taxa representa o número médio de filhos tidos pelas mulheres em idade fértil, de uma determinada região ou país, em um ano específico. Consideramos como idade fértil da mulher, um período entre 15 e 49 anos de vida. Em 2018, por exemplo, a taxa de fecundidade no Brasil era de 1,77 filhos por mulher. Isso significa que, naquele ano, as brasileiras em idade fértil tiveram em média menos de dois filhos, mas essa taxa já foi bem maior. Entre as décadas de 40 e 60, as brasileiras costumavam ter em média cerca de seis filhos.

A análise dessas mudanças na taxa de fecundidade é fundamental para entendermos as transformações que vêm ocorrendo na população brasileira, juntamente com o aumento da expectativa de vida. A redução dos níveis de fecundidade, nos últimos 60 anos, influencia muito no envelhecimento da nossa população, porque, ao nascer menos bebês e a população viver em média por mais tempo, passamos a ter uma maior proporção de idosos em relação à quantidade de crianças. A queda na taxa de fecundidade é uma tendência mundial e pode ser explicada por diversos fatores. Entre eles, temos a urbanização, a redução da mortalidade infantil, a maior inserção das mulheres no mercado de trabalho e o uso de métodos contraceptivos. Em geral, países com maior desenvolvimento econômico têm uma taxa de fecundidade menor, porém, a taxa brasileira já está abaixo da de países como a França e os Estados Unidos e, juntamente com essas nações, estamos entre as que têm uma taxa de fecundidade menor do que 2,1 filhos por mulher, o que significa que estamos abaixo da taxa considerada adequada para garantir a reposição populacional.

Como assim? Calma! A gente explica. Se as mulheres têm em média dois filhos ou menos, as pessoas nascidas não são suficientes para manter no futuro a quantidade de população atual. Dessa forma, o envelhecimento populacional pode se acentuar a ponto de que não haja jovens suficientes para suprir a necessidades do mercado de trabalho. Ter mais velhos e menos jovens na população traz uma nova dinâmica, que deve ser considerada nos processos de planejamento, gestão e avaliação de políticas públicas nas áreas de saúde, educação, trabalho e Previdência Social, ou seja, monitorar a taxa de fecundidade é muito importante para tomar decisões adequadas às características de uma população em constante transformação. Ah! E atenção, lembre-se de não confundir taxa de fecundidade com a de natalidade. A taxa de natalidade expressa a quantidade de bebês nascidos vivos para cada mil habitantes, ou seja, tem como referência toda a população e não somente o número de mulheres em idade fértil.

Fonte: IBGE EXPLICA. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=OymHhJp7QaA>. O Vídeo foi transcrito e adaptado para fins didáticos.

14- Após a leitura do texto (Taxa de fecundidade), quais relações vocês conseguem perceber com o que foi relatado nos vídeos?

HORA DE REGISTRAR!

15- Vocês resolveram o problema, puderam conversar com os colegas sobre os resultados encontrados; assistiram aos vídeos e leram o texto (Taxa de fecundidade). Agora é o momento de vocês registrarem o que aprenderam nas atividades. Ainda em grupo, elaborem um Card apresentando de forma criativa as principais análises que realizaram sobre a temática estudada. A seguir, poste no Instagram da escola para ser divulgado para a comunidade.

Professor (a), a “hora de registrar” precisa elucidar a função social da atividade de leitura e escrita. Nesse sentido, ressaltamos a importância da dimensão discursiva desse momento. Assim, é preciso que você defina o gênero textual, oriente o aluno no que escrever, para quem escrever, dentre outros aspectos, a fim de que ele entenda a justificativa social para a escrita nesse momento. A atividade com cards é uma forma dinâmica de trabalho e, em certa medida, faz parte da vivência do aluno. Entendemos que o trabalho com Cards também pode constituir-se como um importante recurso para o desenvolvimento da competência leitora de forma ampla, contribuindo para a aprendizagem do aluno, aproximando-o do conhecimento científico. Vale ressaltar que esta é uma sugestão, você pode trabalhar com outros gêneros textuais.

E A MINHA FAMÍLIA?

Professor (a), nessa etapa, estimule seus alunos a pensarem sobre o perfil demográfico de sua família. Sugerimos que você coloque para eles alguns questionamentos, levando em consideração o que estudaram nas etapas anteriores. Para tanto, instigue-os a investigar sobre a quantidade de filhos que as mulheres tinham na época dos seus avós, bem como sobre o perfil das mulheres em pelo menos três gerações quanto ao acesso às informações, à educação, ao mundo do trabalho, dentre outros. Um dos objetivos dessa etapa é que o aluno, a partir da realidade de sua própria família, compare e perceba a mudança no perfil das famílias quanto ao número de filhos por mulher e as razões que têm proporcionado essa mudança.

Como vocês puderam observar e comparar, a partir dos depoimentos de Daniela e Rosa Dias e da análise das informações do infográfico e do gráfico, as mulheres do Brasil e do mundo estão tendo menos filhos.

Ao resolverem o problema, também puderam levantar hipóteses sobre os fatores que influenciam a tomada de decisão de ter (ou não) filhos, não é mesmo?

Agora, que tal conversarmos sobre a realidade da sua família?

Pense e socialize com seus colegas e o (a) professor (a):

Quando você investigou algumas características do perfil demográfico (população) do mundo e do Brasil, teve alguma curiosidade sobre o perfil demográfico de sua família? Como é o perfil da sua família, você sabe? Será que tem alguma coisa em comum com o perfil demográfico do mundo e do Brasil ou é diferente?

Professor, deixe os alunos exporem o que sabem do perfil demográfico da família deles, ouça com atenção. Tente perceber se nas falas já aparece alguma comparação com o perfil demográfico das escalas geográficas que foram apresentadas (Mundo e Brasil).

Agora que você já pensou um pouco sobre sua família e socializou, vamos fazer uma investigação sobre ela?

Professor, proponha uma pesquisa individual do perfil demográfico da família do aluno. No primeiro momento, os alunos receberão o formulário abaixo e realizarão a atividade em casa. O segundo momento será realizado em sala de aula.

1º MOMENTO - ATIVIDADE INDIVIDUAL:

Você receberá um formulário contendo algumas questões. Com base nele, investigará sua família. Comece escolhendo três gerações, colocamos como sugestão sua Bisavó, avó e mãe. Caso queira, você poderá substituir uma dessas gerações, como a geração de sua irmã.

Formulário: Investigando o perfil demográfico da minha família.

| Variáveis | 3 gerações de mulheres | | |
|--|------------------------|-----|-----|
| | BISAVÓ | AVÓ | MÃE |
| Idade que tiveram o 1º filho | | | |
| Quantidade de filhos | | | |
| Grau de Escolaridade | | | |
| Carreira profissional | | | |
| Casada ou solteira | | | |
| Parto normal em casa | | | |
| Parto normal ou Cesárea em ambiente hospitalar | | | |
| Parto realizado no município de residência ou em outro município | | | |
| Se pariu em outro município, qual foi o motivo? | | | |

Fonte: Elaborado pelos autores (2021)

2º MOMENTO – ATIVIDADE EM GRUPO:

Professor (a), nesta etapa intencionamos que o aluno realize uma análise comparativa entre o perfil da família dele com o perfil demográfico da família dos colegas, para, em seguida, o grupo realizar a análise comparativa com as famílias do Brasil e do mundo. Sugerimos que ele primeiro responda as questões individualmente e depois tabule a partir de todas as respostas do grupo, a fim de obter o perfil do grupo.

14- Agora que você já preencheu o formulário, analise as informações e responda às questões abaixo:

- a) Qual a idade em que as mulheres de sua família (bisavó, avó e mãe) tiveram o primeiro filho?
- b) Quantos filhos tiveram a sua bisavó e avó? E sua mãe, quantos filhos tem hoje? De uma geração para outra essa quantidade de filhos diminuiu ou aumentou?
- c) Qual era/é o grau de escolaridade da sua bisavó e avó? Qual era o grau de escolaridade da sua mãe no nascimento do primeiro filho/a? Essa escolaridade permanece a mesma ou aumentou?
- d) E quanto ao mercado de trabalho, elas trabalhavam fora ou apenas em casa? Houve mudanças?
- e) Em que lugar as mulheres de sua família tiveram os filhos, em seu próprio município ou fora dele?
- f) Como eram os nascimentos, em casa ou no hospital? Prevaleram os partos normais ou cesarianas?

Que tal investigarmos nossa realidade regional? Vamos lá!

De posse dos resultados individuais, reúna-se novamente em grupo. Agora, é hora de comparar e tabular as informações do grupo, buscar descobrir suas semelhanças e diferenças. Vamos começar?

Professor (a), nesse momento traremos a investigação para a realidade regional dos alunos, por meio do estudo de caso de suas famílias. Caso a sua escola tenha laboratório de informática, poderá desenvolver essa atividade no laboratório para que os alunos possam fazer a tabulação dos dados e se for pertinente para sua realidade, poderá trabalhar com os alunos a formulação de gráficos, a partir da realidade deles.

15- Com base nos dados pesquisados, tracem o perfil demográfico a partir da família do grupo. Em seguida, discutam e respondam:

- a) Os resultados encontrados reproduzem o cenário de queda da taxa de fecundidade e natalidade observado no Brasil? Justifique?
- b) Levando em consideração a comparação entre as gerações, quais as principais mudanças no perfil demográfico do grupo?
- c) Em uma das atividades anteriores, o grupo analisou um problema e registrou algumas hipóteses. Vocês acham que os resultados encontrados ajudam a confirmar as hipóteses registradas?
- d) No geral, qual a idade que as mulheres da família do grupo tiveram o primeiro filho? A idade mudou de uma geração para outra?
- e) As mulheres das famílias do grupo tiveram alguma dificuldade de acesso à infraestrutura de saúde materno-infantil (acesso à hospital/maternidade) para parir seus filhos?

OLHO NO PERFIL DEMOGRÁFICO DO LITORAL SUL DA BAHIA

Professor (a), os textos, mapas e gráficos a seguir foram elaborados por pesquisadores e professores da Educação Básica do Litoral Sul da Bahia, tendo nossa realidade como enfoque. Orientamos que nesse momento da sequência de ensino investigativo, caso você pertença a outro território de identidade ou viva em outro estado ou país, busque material que dialogue com sua realidade.

Um dos objetivos dessa atividade é mobilizar a curiosidade investigativa do aluno sobre o seu lugar de vivência e possibilitá-lo relacionar com o Brasil e o mundo.

16- Observe o mapa do nosso Território de Identidade (Litoral Sul da Bahia) e responda:

Professor a), uma das contribuições da disciplina de Geografia na formação dos alunos é a de ensinar um modo de pensar pela Geografia, ensinar a pensar por meio dos conteúdos estruturados a partir de conceitos e princípios. Nesse sentido, alguns conceitos são elementares do pensamento geográfico, dentre eles, o conceito de lugar e território. Nesta etapa, sobretudo, estes são conceitos estruturantes.

Mapa 4



Fonte: Azevedo (2019)

- Localize no mapa qual a cidade que você mora hoje e identifique-a com um X.
- Sua avó nasceu em alguma cidade do Litoral Sul da Bahia? Se sim, qual? E sua mãe?
- A cidade que você mora faz limite com quais cidades?
- Quais cidades desse território você já visitou e conhece?
- Qual das cidades que visitou chamou mais sua atenção? Por quê?
- Você gosta de morar em sua cidade? Qual (is) lugar (es) da sua cidade chama mais sua atenção? Justifique sua resposta.

Professor (a), a cidade e seus lugares são territórios onde os alunos constroem suas histórias. Assim esses temas são muito interessantes para serem abordados em sala de aula. Nessa atividade, você pode mediar reflexões a respeito dos diferentes territórios dos quais os alunos fazem parte e nos quais eles constroem seu cotidiano.

17- Os textos abaixo nos ajudarão a entender um pouco mais sobre o perfil demográfico do nosso território, pois apresentam, por exemplo, alguns aspectos sociodemográficos importantes. Diante disso, leia e discuta com seus colegas os textos abaixo, depois, em grupo, responda às questões a seguir:

Texto 1

Litoral Sul da Bahia: um novo perfil demográfico

A população do Litoral Sul da Bahia cresceu de forma expressiva nos anos de 1950 a 1991. Nesse intervalo, sua população dobrou de tamanho, saltando de 392.579 para 867.653, tendo como fator decisivo para isso o intenso fluxo migratório provocado pelo bom momento da economia cacauzeira. Nos anos 1980 a 1991, a taxa média geométrica de crescimento anual da população foi de 1,95%. Já nos dois decênios seguintes (1991/2000 e 2000/2010) o crescimento foi sempre negativo, -0,3% e -0,9%, respectivamente.

Marcam o panorama sociodemográfico do Litoral Sul da Bahia, nesses últimos 20 anos, a queda consistente dos níveis de fecundidade e a ampliação da expectativa de vida ao nascer. Estimativas atuais sinalizam que o território já se encontra abaixo do nível de reposição, com a taxa de fecundidade atingindo, em 2016, o nível de 1,7 filhos por mulher. Atuando em conjugação com as demais variáveis demográficas (mortalidade e migração interna), tal queda produziu e continuará produzindo efeitos profundos na composição etária da população, com todas as suas importantes consequências (aumento da população idosa e redução da população de crianças e jovens).

Diante desse cenário, portanto, é quase certo que o próximo censo demográfico confirmará mais um decênio de perda populacional para o Litoral Sul da Bahia e o aprofundamento da sua transição demográfica.

Fonte: Azevedo (2019)

Texto 2

Nascimentos no Litoral Sul da Bahia: o que dizem as informações?

Há um declínio significativo no número de nascimentos no Território Litoral Sul da Bahia. Nos últimos 17 anos, a redução foi de 29,1%, passando de 14.345, em 2000, para 10.164, em 2016. Nesse período, a taxa de fecundidade (número médio de filhos nascidos vivos por mulher) passou de 2,7 para 1,7 filho por mulher – deve-se recordar que na década de 1980, essa média era superior a quatro filhos. Essa tendência não é nova, como se vê nas estatísticas sobre fecundidade, mas, nos anos recentes, adquiriu uma intensidade reforçada, seguindo a tendência apresentada nos níveis estadual e nacional. Os motivos para essa diminuição são vários: avanço da urbanização, maior participação das mulheres no mercado de trabalho, maior escolarização, uso de métodos contraceptivos, os custos financeiros associados às crianças, entre outros.

No que tange à idade materna, a proporção de mães adolescentes vem diminuindo no território, mas ainda é bastante expressiva (25% em 2016). Isso significa dizer que, um em cada quatro bebês nascidos por ano no Litoral Sul da Bahia é filho de mãe adolescente. Do outro lado, observa-se aumento da proporção de mães com 30 anos ou mais de idade. Em 2007, por exemplo, o percentual de nascidos vivos de mães nessa faixa etária foi de 15,76% e em 2016, alcançou o índice de 27,19%.

A "fotografia" tirada com os dados de 2016, que ilustram os mapas a seguir, destaca, em primeiro plano, algumas características da rede de atenção materno-infantil instalada no território e o fluxo de gestantes entre o local de residência e o local de assistência ao parto. Em segundo plano, esclarece alguns aspectos sobre o tipo de parto e a variável idade materna em relação ao número de nascimentos, segundo o município de residência.

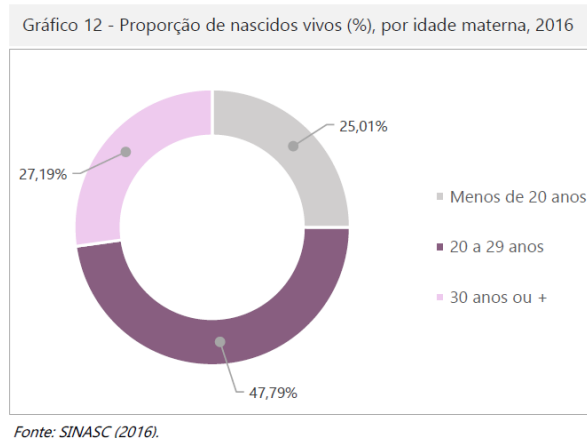
Fonte: Azevedo (2019)

discutir sobre as implicações desses fenômenos no mercado de trabalho, nas questões previdenciárias, na economia, dentre outras. Nas discussões, você pode ainda apresentar, por exemplo, o dilema de ser filho único, visto que muitas mães ao adiarem a maternidade, acabam optando em ter apenas 1 filho. Para essa discussão, você pode trazer alguns dados contidos no site nascer em Portugal. Disponível em: <http://nascereportugal.ffms.pt/#cada-vez-menos>.

- Ao ler o texto 1, qual (is) informação (ões) você observou sobre o crescimento da população?
- Qual relação é possível fazer com as informações apresentadas nesse texto e as que foram apresentadas no texto da seção (Vamos aprender mais) da página 4?
- O Litoral Sul da Bahia acompanha a tendência brasileira na redução da taxa de fecundidade? Se sim, a que se atribui essa redução?
- Com base na pesquisa que você realizou com sua família, qual ou quais informações do texto você acredita que apresentam características similares com a da sua família?
- De acordo com o texto 2, como têm se caracterizado os nascimentos em relação a faixa etária das mães?
- Qual a opinião do grupo no que diz respeito a faixa etária das mães para parir seus filhos? Para vocês, existe uma faixa etária ideal? Se sim, qual e por quê? Se não, por quê?

Professor (a), discutir gravidez na adolescência é uma questão de interesse dos jovens. É um tema que geralmente não aparece no livro didático, também parece não ser muito discutido em casa com os pais, apesar de fazer parte da realidade dos jovens. Aproveite esse momento para discutir com os alunos sobre as implicações de ser mãe ou pai na adolescência, como dificuldade para dar continuidade aos estudos, a mudança do corpo, o fato de ter que assumir várias responsabilidades com a chegada do bebê, dentre outras. Dentre as implicações, você pode também suscitar algumas reflexões sobre as dificuldades que muitas mães enfrentam para ter seus filhos, diante da infraestrutura materno infantil desse território.

18- Observe o gráfico e o texto 3 e responda:



Texto 3

Gravidez na adolescência

Apesar da redução dos índices de gravidez na adolescência, o Brasil tem cerca de 19 mil nascimentos, ao ano, de mães entre 10 a 14 anos.

Fonte: <https://brasil.unfpa.org/pt-br/news/apesar-da-redu%C3%A7%C3%A3o-dos-%C3%ADndices-de-gravidez-na-adolesc%C3%A2ncia-brasil-tem-cerca-de-19-mil>. 23 De setembro de 2021.

- Qual é o percentual de jovens adolescentes grávidas apresentado no gráfico? Você considera esse número grande ou pequeno?
- No seu bairro ou na sua cidade você percebe essa realidade?
- Você acha que a gravidez na adolescência traz implicações para os jovens? Se sim, identifique-as.

Professor (a), neste momento, instigue os alunos a pensarem que, se por um lado existe um número considerável de adolescentes tendo que assumir a maternidade sem planejamento e sem preparo, por outro, muitas mulheres estão priorizando a sua carreira profissional e tendo filhos numa faixa etária acima de 30 anos.

19- Conforme você pode observar no texto 2 e no gráfico, o número de mulheres que têm

protelado a maternidade tem crescido. Ainda em grupo, releia o depoimento de Daniella Goulart (43 anos, nacionalidade brasileira, mãe de Gabriel de 1 ano) e leia o depoimento de Sofia (36 anos, nacionalidade portuguesa, espera o 1º filho), e responda:



Sofia e Eurico
36 e 35 anos
Esperam o 1º filho

Fonte: Disponível em:
<http://nascereportugal.ffms.pt/#cada-vez-menos>.
Acesso em: 09.03.2022.

FILHO: TER OU NÃO TER?

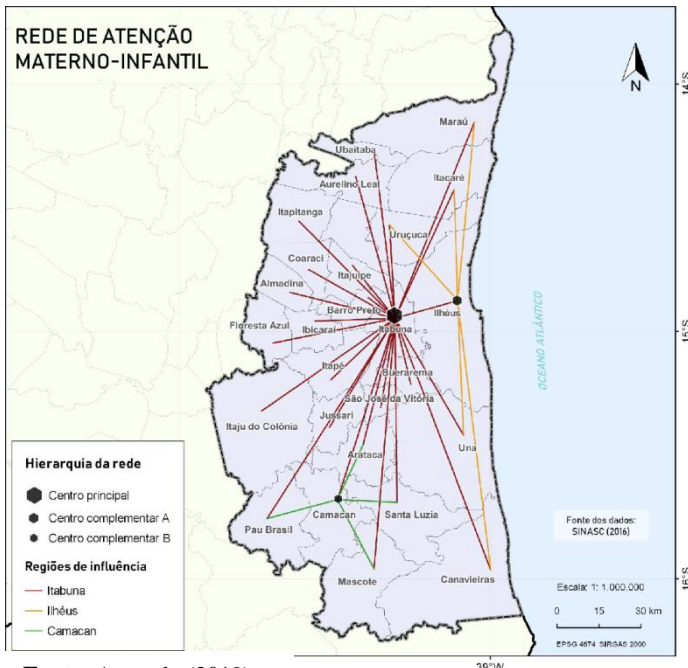
“[...] Eu não tinha encontrado a pessoa certa que pudesse dizer: esse será o pai do meu filho. Por outro lado, essa é a razão de muita gente ser pais acima dos 30. Eu, durante muito tempo, priorizei a minha carreira, quis seguir minha carreira, apostei nela, me realizar profissionalmente, mas achei que se havia uma altura que tinha que apostar, seria aquela, e posso dizer que durante muito tempo vivi quase exclusivamente para trabalho e agora estou em uma fase diferente [...]” (Depoimento de Sofia sobre sua decisão de ter filho depois dos 30 anos). Texto transcrito pelas autoras.

- Discutam em grupo e apresentem a opinião de vocês em relação ao que consideram positivo e negativo na decisão de ter filhos depois dos 30 anos.
 - Na opinião do grupo, existe alguma relação entre a diminuição da taxa de fecundidade e o fato de muitas mulheres estarem optando por ter filhos depois dos 30 anos? Justifique a resposta.
 - Ao analisar o depoimento de Daniella Goulart (Brasileira) com o de Sofia (Portuguesa), o que o grupo pode observar de similaridade?
 - Como vocês puderam perceber, essa realidade socioespacial que vem ocorrendo no Brasil e em muitos países do mundo, também tem sido uma realidade do Litoral Sul da Bahia. Em grupo, produzam um mapa mental, apresentando as possíveis razões do adiamento da maternidade, possíveis benefícios e implicações.
- 20- Para responder a última questão da atividade de número 15, você precisou pensar um pouco sobre a infraestrutura de saúde materno - infantil de sua cidade, não foi mesmo? A partir de sua resposta, a que conclusão você chegou quanto à infraestrutura de saúde de sua cidade? Ela se mantém ou depende de alguma outra cidade que dispõe maiores condições materno - infantil?

21- Analise os mapas a seguir:

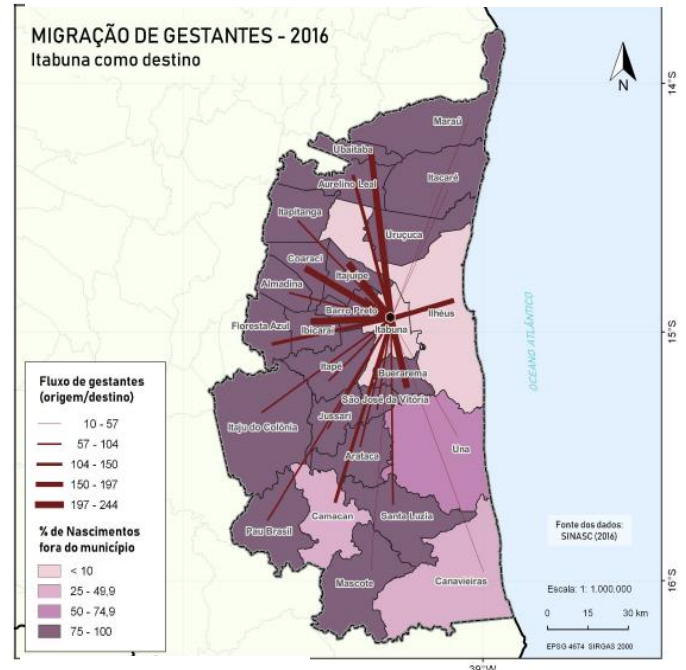
Professor (a), nesta atividade é possível orientar o aluno a comparar e avaliar a ocupação do espaço e formação de territórios, conforme orienta a BNCC na competência 2. Desse modo, ajudá-lo a compreender e aplicar os princípios de localização, distribuição, ordem, extensão, conexão, entre outros, relacionados com o raciocínio geográfico, na análise da ocupação humana e da produção do espaço. (EM13CHS206). Nessas atividades, você pode explorar a produção do espaço, considerando a infraestrutura e centralidade da cidade de Itabuna, quanto à organização de saúde. Você pode ainda discutir, por exemplo, que essa organização é baseada em regionalizações, o que coloca algumas cidades como sedes de regiões de saúde, como Itabuna, Ilhéus e Camacan. Instigue-os a analisar sobre essa estrutura de saúde e o que tem levado parturientes de várias cidades a migrarem para ter seus filhos. Por que essa migração ocorre? Como está instalada essa infraestrutura materno-infantil?

MAPA 5: Rede de atenção materno-infantil do Litoral Sul da Bahia.



Fonte: Azevedo (2019)

MAPA 6: Migração de gestante no Litoral Sul da Bahia.



Fonte: Azevedo (2019)

- De acordo com os mapas (5 e 6), como está organizada a rede de assistência ao parto (infraestrutura materno-infantil) nesse território?
- De acordo com os mapas, qual cidade é o centro principal com relação a rede de atenção materno infantil? Na opinião do grupo, o que caracteriza essa cidade como centro na hierarquia da rede?
- As mulheres precisam migrar para outro município para parir seus filhos. Por que vocês acham que isso acontece? Quais as implicações dessa migração? Elaborem em grupo algumas hipóteses.

QUADRO 2 - HIPÓTESES

| |
|----|
| 1. |
| 2. |
| 3. |
| 4. |

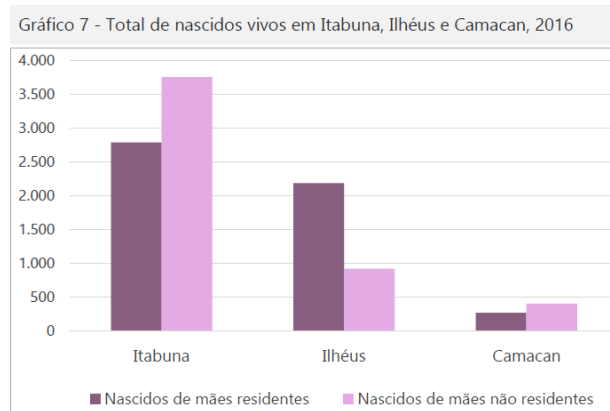
Agora que já pensaram e formularam algumas hipóteses, chegou a hora de socializarem.

Professor (a), sugerimos que nesse momento você coloque a turma em círculo para que todos possam ser vistos. Estimule-os a expor suas hipóteses e tentar dizer por que acreditam que suas hipóteses estão corretas. Instigue-os a dialogar sobre a problemática social vivenciada por muitas mulheres nesse território, mas que também se configura em uma problemática vivenciada por mulheres de outros lugares do Brasil e do mundo.

SISTEMATIZANDO CONHECIMENTO

Professor (a), este momento é muito importante para a sistematização do conhecimento dos alunos. Desse modo, é importante dar tempo para que todos exponham suas opiniões. Discuta com seus alunos sobre a problemática social em questão, ou seja, as dificuldades da maternidade enfrentada por muitas mães. Isso pode ser observado no gráfico e nos depoimentos a seguir. Leve-os a discutir sobre a invisibilidade de problemas sociais como este que, apesar de muitas pessoas enfrentarem, inclusive adolescentes, é uma questão pouco discutida.

Realizem a leitura do gráfico, do texto e dos depoimentos abaixo e a seguir analisem em grupo o fenômeno socioespacial vivenciado por parturientes do Litoral Sul da Bahia.



Fonte: Azevedo (2019)

Texto 4

“EU QUIS PARIR AQUI!”: MOTIVOS QUE LEVARAM PARTURIENTES À MIGRAÇÃO QUANTO AO LOCAL DE PARTO

O parto representa um momento singular na vida das mulheres que o vivenciam, sendo valorizado tanto na perspectiva física, quanto na emocional e social. Essa etapa do ciclo reprodutivo pode trazer à tona múltiplos sentimentos, sejam de ansiedade, medo, insegurança, como também de prazer, satisfação e empoderamento. Contudo, muitas vezes, as mulheres são obrigadas a percorrer vários hospitais procurando atendimento o que lhes é negado, em virtude de fatores como: falta de leitos de unidade intermediária e unidade de terapia intensiva neonatal, falta de vagas na maternidade, carência de recursos físicos e humanos, além de inadequação das instalações e equipamentos necessários para se prestar um serviço de qualidade.

Um atendimento inadequado no trabalho de parto e a carência de recursos e serviços trazem repercussões negativas ao binômio, aumentando os riscos de morbimortalidade materna e fetal. O temor pelo surgimento de agravos e complicações maternas e, sobretudo, neonatais, aparece entre os motivos que levaram as mulheres a migrarem para ter seus filhos em outra cidade, como se percebe nos depoimentos a seguir:

(Texto adaptado).

Depoimento 1 (Maria Betânia)

[...] eu saí do município de Ilhéus para ter filho em Itabuna porque a situação de Ilhéus está precária. Os postos de saúde não estão abertos. Meu pré-natal não pude fazer, tive apenas duas consultas [...].

Depoimento 2 (Maria Ana)

[...] na realidade, a intenção não era parir em Itabuna, era ter meu bebê aqui em Ilhéus. O real motivo foi a condição em que a saúde de Ilhéus está apresentada. E, caso eu precisasse de uma assistência melhor, eu teria que pagar particular [...].

Depoimento 3 (Maria Regina)

[...] eu precisava de uma assistência melhor, caso o bebê viesse a nascer prematuro, já que na cidade (Ilhéus) não tem UTI. Não pensei duas vezes e fui para Itabuna [...].

Depoimento 3 (Maria Farina)

[...] após o parto não teria um médico especialista para avaliar o meu bebê. Além da falta de médico, a estrutura muito precária na maternidade, a qual não possui uma unidade de tratamento intensivo para neonatos [...].

Fonte: MOREIRA, Michelle Araújo (et al). Eu quis parir aqui!?: motivos que levaram parturientes à migração quanto ao local de parto. *Rev enferm UFPE on line*, Recife, jan., 2017.

Texto 5

Rede de atenção materno – infantil e migração de gestantes no Litoral Sul da Bahia

Para assegurar um parto seguro, é importante que a rede de atenção à saúde materno-infantil esteja organizada de forma a propiciar a integralidade do cuidado. Entre as várias ações de atenção à gestante e ao recém-nascido está a garantia da assistência ao parto.

Dos 10.164 partos de nascidos vivos registrados no Território Litoral Sul da Bahia, em 2016, cerca de 42% (4.264) foram realizados em municípios diferentes daqueles de residência das mães. Esse fluxo de gestantes entre o local de residência e o local de realização do parto, revela a conformação de uma rede de atenção materno-infantil com três níveis de hierarquia. Itabuna é, de longe, o principal centro de atenção à saúde materno-infantil desse território, exercendo polaridade sobre todos os municípios e centralizando as principais funções de serviços especializados. Ilhéus e Camaçari figuram como centros complementares.

Fatores como acessibilidade viária, disponibilidade tecnológica e existência de uma gama variada de estabelecimentos de saúde, particulares e de gestão SUS, fazem de Itabuna um polo de atração regional na área de assistência obstétrica e neonatal.

Dos 6.539 nascimentos ocorridos no município, em 2016, 3.742 eram filhos de mães residentes em outras localidades (56,8%). Essa população originou-se principalmente dos municípios do Litoral Sul da Bahia (73,1%), com maior participação dos municípios de Ibicaraí (8,93%), Buerarema e Itajuípe (8,75% cada) e Coaraci (8,46%).

Parte desse fluxo é justificado porque, Itabuna é o único município da região que dispõe de uma unidade referência na assistência materno-infantil em média e alta complexidade, o Hospital Manoel Novaes (HMN), da Santa Casa de Misericórdia. O HMN atende a demanda de recém-nascidos prematuros que necessitam de cuidados intensivos.

Fonte: Azevedo (2019). Texto adaptado.

22- Como podemos observar, um dos temas que se relacionam com as dinâmicas populacionais é o da saúde da mulher. Apesar dos avanços na conquista de direitos das mulheres, ainda há, no mundo todo, mulheres que não têm seus direitos reprodutivos garantidos. Levando em consideração a leitura e análise das informações do texto, dos depoimentos e do gráfico, responda:

- Qual a problemática socioespacial apontada pelo gráfico, depoimentos e texto analisados?
- De acordo com os depoimentos, quais são as dificuldades enfrentadas pelas mães?
- Para o grupo, quais medidas poderiam ser tomadas pelo poder público das cidades as quais as mães precisam migrar para parir seus filhos?

23- A problemática social que vocês estão analisando é enfrentada por muitas mães do Litoral Sul da Bahia, mas também por muitas mães que vivem em outros lugares do Brasil. Que tal organizarmos uma ação para tornar essa discussão mais visível a sua comunidade e tentar ajudar as futuras mães a terem melhor assistência materno-infantil? Vamos lá?

Professor (a), esse é o momento de devolver para a sociedade a construção do conhecimento. Discuta com os alunos a importância de dar visibilidade a esse fenômeno socioespacial que parece estar invisível aos olhos da sociedade e dos debates políticos. Sugerimos que continue com a turma dividida em 5 grupos. Cada grupo deverá organizar um produto para ser divulgado para a comunidade. Uma outra sugestão é que você escolha, juntamente com os alunos, uma única ação, por exemplo, organizar um documento explicando a necessidade de amparo e assessoria, de acolhida à mãe, contendo a assinatura de todos os alunos para ser encaminhado ao Poder Legislativo Municipal. Nessa ação, pode ser agendado um encontro da turma ou dos seus representantes com o presidente da Câmara Municipal, para, além de explicarem a necessidade desse amparo, os alunos façam questionamentos acerca do que tem sido feito quanto à problemática apresentada. Essa etapa pode ajudar o aluno a perceber que pode transformar e ser transformado por suas ações.

a) Com base no que estudaram e pesquisaram, a turma deverá organizar uma proposta de trabalho que divulgue a problemática social enfrentada por mães para parir seus filhos, a fim de que seja socializada com a comunidade. Abaixo, estão elencadas duas sugestões de trabalho que deverão ser analisadas por vocês e uma deve ser escolhida pela turma:

Professor, essa é uma ação que poderá trazer muitas contribuições para o fomento do protagonismo dos alunos. Sugerimos que para a elaboração do documento que será enviado ao Legislativo Municipal, assim como para a organização do Podcast, você realize um trabalho colaborativo com o professor de Produção Textual, em que juntamente com você, poderá estar orientando os alunos na produção dos textos que serão publicizados.

1ª PROPOSTA:

A classe deverá se dividir em 5 grupos, cada grupo organizará uma das propostas abaixo:

- 1- Organização de Podcast;
- 2- Um documento para ser enviado ao Legislativo Municipal;
- 3- Uma exposição de fotos, depoimentos e informações;
- 4- Uma página no Instagram ou no Face;
- 5- Uma palestra ministrada pelos alunos para os colegas das demais turmas e comunidade.

2ª PROPOSTA:

A turma escolherá uma única ação, como organizar um documento explicando a necessidade de amparo e assessoria, de acolhida à mãe, contendo a assinatura de todos os alunos para ser encaminhado ao poder Legislativo Municipal. Nessa ação, os representantes da turma, juntamente com o professor, tentarão agendar um encontro da turma ou dos seus representantes com o presidente da Câmara Municipal ou Secretário de Saúde, para explicar a necessidade do amparo materno-infantil às mães. Na oportunidade, os alunos deverão levar alguns questionamentos acerca, por exemplo, do que tem sido feito quanto à problemática apresentada.

Antes de ser efetivada a ação, o documento e questionário produzidos deverão ser analisados em uma roda de conversa, de forma criteriosa e em conjunto com a turma e professor (a), para a produção da versão final do texto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Partimos da compreensão de que o ensino de Geografia precisa preocupar-se em ajudar o aluno a desenvolver o pensamento geográfico. Essa proposição, por sua vez, não caminha em direção a um ensino baseado na mera transmissão do conhecimento, mas em direção a um ensino que possibilite ao aluno fazer análise geográfica de fatos e fenômenos, pois o desenvolvimento desse pensamento está intrinsecamente relacionado à sua capacidade de desenvolver leituras do mundo.

Contudo, este é um processo que, em grande medida, precisa ser mediado e requer um trabalho docente efetivamente consciente e intencionado nesse propósito. Dado ao nosso entendimento quanto a isto, demandamos esforços para pensar e planejar uma nova abordagem que possa servir de caminho para o processo ensino e aprendizagem em Geografia.

Essa abordagem trafega pelas vias do ensino por investigação e da valorização da competência leitora em seus diversos aspectos nas aulas de Geografia, com vista a contribuir para o desenvolvimento do pensamento geográfico do aluno.

Em face disso, vale salientar que o ensino por investigação pode promover condições que permitam ao aluno desenvolver habilidades cognitivas, dando-lhe possibilidade de investigar e analisar fenômenos da espacialidade, assim como de realizar coleta de dados, levantar hipóteses, buscar explicações, dentre outros aspectos, além de possibilitar as interações discursivas e a argumentação.

No que tange à leitura, esta é inquestionavelmente um caminho para a consecução do conhecimento e do desenvolvimento do pensamento, pois ler é uma atividade de compreensão, de construção de significados. Por meio da leitura de um mapa, por exemplo, o aluno pode compreender a organização de um determinado espaço e sua representação.

Desse modo, propomos uma abordagem que leva em conta um trabalho no ensino de Geografia por meio de sequências de ensino investigativo. Desse modo, partimos da premissa de que planejar sequências de atividades na perspectiva do ensino por investigação, que valorizem o desenvolvimento da competência leitora de mapas, gráficos, textos, e sobretudo, a leitura socioespacial, tendo em conta princípios e conceitos geográficos, poderá oportunizar o aluno a pensar a Geografia, construindo o conhecimento com autonomia e criticidade.

Queremos salientar que a SEI foi construída por dois professores da Educação Básica, contudo, não significa que esteja “engessada”, mas pode ser adaptada conforme à necessidade do professor e de seus alunos. Desse modo, desejamos que a SEI contribua para as aulas do

professor de Geografia, tornando-as investigativas, participativas e que ajude o aluno a pensar pela Geografia.

A SEI traz diversos aspectos que podem contribuir para esse fito, porque apresenta uma proposição de como valorizar o conhecimento prévio do aluno. Além disso, propõe a articulação entre as etapas e atividades, de modo que o aluno possa, por meio do ensino por investigação, resolver problemas, levantar hipóteses, investigar e analisar os fenômenos estudados na aula.

Ademais, demonstra como o professor pode ajudar o aluno a desenvolver sua competência leitora, sobretudo, realizar leitura socioespacial, com vista a formar um pensamento geográfico. A SEI também apresenta uma proposta de como aproximar o conteúdo estudado à realidade socioespacial do aluno, como a proposição de uma investigação a partir da própria família, ou seja, a partir de sua realidade concreta.

Ainda traz a perspectiva de contribuir para a assunção do protagonismo do aluno, por exemplo, a partir de atividade em que ele possa, além de dar uma devolutiva à sociedade acerca do conhecimento construído, atuar como cidadão crítico e consciente dos problemas socioespaciais que ocorrem no seu lugar de vivência, assim como em outras escalas geográficas. Mediante o exposto, esperamos que o trabalho, sob a ótica da abordagem didática do ensino por investigação, por meio de SEI, encontre espaço nas aulas de Geografia, tornando-se um aliado potente para a promoção de um ensino significativo, que propicie ao aluno a pensar a e pela Geografia.

REFERÊNCIAS

ARAGÃO, Wellington Alves. A escala geográfica e o pensamento geográfico: uma experiência com jovens escolares do ensino médio. **Tese de doutorado**. Goiânia, Programa de Pós – Graduação em Geografia, UFG, 2019.

BRASIL. **Lei Nº. 13.415, de 16 de fevereiro de 2017**. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. Brasília, 2017. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/L13415.htm. Acesso em 22 de jan. de 2022.

BOMFIM, Natanael Reis. Geografia escolar: qual o seu problema? **Caminhos de Geografia**, jun, p. 123 -133, 2006.

BROOKS, Clare; BUTT Graham; FARGHER, Mary. **The Power of Geographical Thinking International**. Springer, 2017.

CARVALHO, Anna Maria Pessoa de. O ensino de ciências e a proposição de sequencias de ensino investigativas. In: CARVALHO, Anna Maria Pessoa de (Org.). **Ensino de ciências por investigação**: condições para implementação em sala de aula. São Paulo: Cengage Learning, 2013.

CARVALHO, Anna Maria Pessoa de. Fundamentos Teóricos e Metodológicos do Ensino por Investigação. **Revista Brasileira De Pesquisa Em Educação Em Ciências**, 18(3), 765-794. 2018.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia, Escola e Construção de Conhecimento**. Campinas, São Paulo: Papirus, 18 ed. 2013.

CAVALCANTI, Lana de Souza. Para onde estão indo as investigações sobre ensino de Geografia no Brasil? Um olhar sobre elementos da pesquisa e do lugar que ela ocupa nesse campo. **Boletim Goiano de Geografia (Online)**. Goiânia, v. 36, n. 3, p. 399-419, set./dez. 2016.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Pensar pela Geografia**: ensino e relevância. Goiânia: C&A Comunicação. 2019.

CAVALCANTI, Lana de Souza. Olhar a paisagem com a mediação do pensamento geográfico: aprendizagem potente para o mundo contemporâneo. **REIDICS - Revista de Investigación em Didáctica de las Ciencias Sociales**, n. 10, 2022.

COSCARELLI, Carla Viana; CAFIERO, Delaine. Ler e ensinar a ler. In: COSCARELLI, Carla Viana (Org.) **Leituras sobre a leitura**: passos e espaços na sala de aula. Belo Horizonte: Vereda. 2013.

DIEB, Messias. Leitura na sala de aula. In: COSCARELLI, Carla Viana (Org.) **Leituras sobre a leitura**: passos e espaços na sala de aula. Belo Horizonte: Vereda. 2013.

GIROTTI, Eduardo Donizeti. Ensino de Geografia e raciocínio geográfico: as contribuições de Pistrak para a superação da dicotomia curricular. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, Campinas, v. 5, n. 9, p. 71-86, jan./jun., 2015.

KLEIMAN, Ângela. **Oficina de leitura**: teoria e prática. Pontes: São Paulo. 8 ed. 2001.

LERNER, Delia. **Ler e Escrever na Escola**: o real, o possível e o necessário; tradução Ernani Rosa. Porto alegre: Artemed, 2002.

MELO, Joice Darlene de; LADEIRA Francisco Fernandes. Jornal como instrumento de auxílio no Ensino de Geografia na Educação Básica. **GEOTemas**, RN, Brasil, v. 9, n. 3, p. 41-57, set./dez. 2019.

MOREIRA, Michelle Araújo (et al). Eu quis parir aqui!?: motivos que levaram parturientes à migração quanto ao local de parto. **Rev enferm UFPE on line**, Recife, jan., 2017.

NEVES, Iara Conceição Bitencourt (Org.). **Ler e escrever**: compromisso de todas as áreas. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 6. Ed. 2004.

PAZ, Otacílio Lopes de Souza da; RIBEIRO, Ivandra Alves. História em quadrinhos na análise geográfica do século XX: proposta de encaminhamento metodológico no Ensino Médio. **Revista Cerrados**, Montes Claros/MG, v.15, n. 2, p.107-128, jul/dez. 2017.

PEREIRA, Ana Maria de Oliveira; KUENZER, Acacia Zeneida; TEIXEIRA, Adriano Canabarro. Metodologias ativas nas aulas de Geografia no Ensino Médio como estímulo ao protagonismo juvenil. **Educação**. v. 44. Santa Maria. 2019.

SASSERON, Lúcia Helena. **Alfabetização científica, ensino por investigação e argumentação**: relações entre ciências da natureza e escola. Revista Ensaio, Belo Horizonte, v.17, n. Especial, novembro, p. 49-67, 2015.

SCHAFFER, Neiva Otero. Ler a paisagem, o mapa, o livro...Escrever nas linguagens da geografia. In: NEVES, Iara Conceição Bitencourt (Org.). **Ler e escrever: compromisso de todas as áreas**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 6. Ed. 2004.

SEDANO, Luciana. **Ciências e leitura**: um encontro possível. In: CARVALHO, Anna Maria Pessoa de (Org.). **Ensino de Ciências por investigação**: condições para implementação em sala de aula. São Paulo: Cengage Learning, 2013.

SEDANO, Luciana; CARVALHO, Anna Maria Pessoa de. Ler e compreender nas aulas de Ciências: uma análise. **X Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências – X ENPEC**, Águas de Lindóia, SP – 24 a 27 de novembro de 2015.

SOLÉ, I. **Estratégias de leitura**. Tradução de Claudia Schilling. 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

ZÔMPERO, Andreia Freitas; LABURÚ, Carlos Eduardo. Atividades investigativas no ensino de ciências: aspectos históricos e diferentes abordagens. **Ensaio**. Belo Horizonte, v. 13, n. 3, p. 67-80, 2011.